

Marx, Engels e os escritores românticos

Marx, Engels and the romantic writers

ROBERT SAYRE * E MICHAEL LÖWY **

RESUMO: ESTE ENSAIO SE OPÕE À VERSÃO CARICATURAL E POUCO DIALÉTICA DE CERTO CONSENSO, DE INSPIRAÇÃO STALINISTA, SEGUNDO O QUAL MARX E ENGELS TERIAM REJEITADO O MOVIMENTO ROMÂNTICO. LEVANDO EM CONTA A IMPORTÂNCIA CENTRAL DA LITERATURA DE IMAGINAÇÃO E DA CRÍTICA ROMÂNTICA AO CAPITALISMO NA REFLEXÃO DE AMBOS, O ENSAIO RASTREIA A PRESENÇA DO MOVIMENTO EM OBRAS COMO OS MANUSCRITOS DE 1844, MISÉRIA DA FILOSOFIA, MANIFESTO DO PARTIDO COMUNISTA E OS GRUNDRISSE. E EXAMINA SUAS POSIÇÕES EM RELAÇÃO A AUTORES COMO THOMAS CARLYLE, BALZAC, CHARLES DICKENS, AS IRMÃS BRONTË, SHELLEY, BYRON E WALTER SCOTT, DESTACANDO SOBRETUDO EM MARX, O GRANDE LEITOR E O ESCRITOR DE POESIA DURANTE A JUVENTUDE.

ABSTRACT: THIS ESSAY CONTRADICTS THE BURLESQUE AND HARDLY DIALECTIC VISION OF A CERTAIN CONSENSUS OF STALINIST INSPIRATION, ACCORDING TO WHICH MARX AND ENGELS WOULD HAVE REJECTED THE ROMANTIC MOVEMENT. GIVEN THE CENTRAL IMPORTANCE OF LITERATURE AND IMAGINATION AND OF THE 18TH CENTURY ROMANTIC CRITIQUE AGAINST CAPITALISM FOR THE EDUCATION AND THINKING OF BOTH PHILOSOPHERS, THIS ARTICLE PURSUES THE PRESENCE OF THIS MOVEMENT IN WORKS SUCH AS THE 1844 *MANUSCRIPTS*, *THE POVERTY OF PHILOSOPHY*, *THE COMMUNIST MANIFESTO* AND THE *GRUNDRISSE*, AND EXAMINES THEIR POSITION IN RELATION TO AUTHORS SUCH AS THOMAS CARLYLE, BALZAC, CHARLES DICKENS, THE BRONTË SISTERS, SHELLEY, BYRON AND WALTER SCOTT, HIGHLIGHTING, ESPECIALLY IN MARX, THE GREAT READER AND WRITER OF POETRY DURING YOUTH.

PALAVRAS-CHAVE: ROMANTISMO, SOCIEDADE CAPITALISTA, LITERATURA
KEYWORDS: ROMANTICISM, CAPITALIST SOCIETY, LITERATURE

* Université de Paris-Est-Marne-La-Valée.

** CNRS (Centre National de la Recherche Scientifique) e École Des Hautes Études em Sciences Sociales de Paris.

Marx e Engels: contra o romantismo?

Existe uma literatura, sobretudo de inspiração stalinista, que tende a apresentar os autores do *Manifesto do partido comunista* como adversários do romantismo, rejeitando fortemente essa corrente cultural enquanto reacionária. Um típico exemplo é a obra publicada, em 1936, por Jean Fréville, pelas Edições Sociais Internacionais, que permanece até hoje a única seleção de textos realizada por Marx e Engels, em língua francesa, a respeito de literatura e arte.¹ Na introdução, Fréville, que cita com entusiasmo a definição dos escritores, feita por Stalin, como “les ingénieurs de l’âme” [os engenheiros da alma], reconhece, contudo, que o romantismo não é uma simples reação contra a arte clássica, mas “o protesto desesperado que eleva, ao mesmo tempo, contra o capitalismo, a nobreza ‘desapossada’ e a pequena burguesia radical”.² No entanto, o capítulo consagrado ao romantismo, na seleção de citações, aparece simplesmente intitulado “Contre le romantisme”! [Contra o romantismo]. De fato, vários textos citados – os de Engels sobre Carlyle, por exemplo – estão longe de cair numa rejeição tão simplista. Um outro texto, intitulado por Fréville, “Les méfaits du romantisme” [Os malefícios do romantismo], não diz respeito nem à literatura nem à arte, mas a alguns políticos conservadores da Renânia. No trecho de um artigo, Engels critica os “enragés mangeurs de français” [raivosos comedores de franceses], mas a palavra “romantismo” está ausente. Enfim, o trecho que recebe de Fréville o título “O romantismo reacionário” provém de uma carta de Marx a Engels, que analisaremos mais adiante, em que o termo “reacionário” não aparece: trata-se aqui de duas “reações” ao Iluminismo: a romântica e a socialista.

De fato, a posição de Marx e Engels ao romantismo está repleta de nuances e é, sobretudo, mais *dialética* que essa versão caricatural, sem dúvida inspirada pela ideologia do progresso de origem positivista, que deixou sua marca preponderante na cultura de esquerda na França.

1. K. Marx, F. Engels, *Sobre literatura e arte*, ed. Jean Fréville, Paris, ESI, 1936. Uma antologia mais recente, de inspiração bem diferente, foi publicada em inglês: *Marx and Engels on Literature and Art*, edições L. Baxandall e S. Morawski, St. Louis e Milwaukee, Telos Press, 1973.

2. “La protestation désespérée qu’élèvent, contre le capitalisme, à la fois la noblesse dépossédée et la petite bourgeoisie radicale”, K. Marx, F. Engels. *Sobre literatura e arte*, Introdução, p. 10.

O que é o romantismo?

Antes de abordarmos a visão de Marx e Engels em torno do romantismo, e num segundo momento, em torno dos escritores românticos, é importante definir o que compreendemos do próprio conceito. Tomemos como ponto de referência uma concepção substantiva do fenômeno romântico, a partir de sugestões de Marx e Engels, sem adotarmos, necessariamente, suas terminologias para descrever este ou aquele autor. De acordo com essa concepção – que tentamos elaborar e ilustrar anteriormente³ – o romantismo não se limita nem aos movimentos literários e artísticos, nem ao período do século XIX, que é frequentemente considerado “l’*époque romantique*” [a época romântica], durante a qual se desenvolviam as correntes e escolas habitualmente chamadas românticas. A nosso ver, esses movimentos se inserem numa tendência cultural mais ampla, que está ligada a uma mutação sócio-histórica de grande envergadura: o advento – progressivo em âmbito mundial – de uma sociedade regida de cima a baixo pelo mercado, em que os valores qualitativos das predecessoras sociedades “*traditionnelles*” [tradicionais] são substituídos pelo único valor quantitativo do dinheiro.

É justamente essa sociedade capitalista – um modelo sem precedentes – que suscitará reações de protesto ou de recusa, manifestadas em diversos campos culturais – filosofia-política, direito, história, etc., assim como literatura e arte – *em nome dos valores qualitativos perdidos do passado*. É essa revolta cultural e multiforme – repleta de nostalgia de ideais do passado, sem interesse em restaurar as formações sociais revolutas – que constitui, para nós, o romantismo. Nascida em meados do século XVIII, ao mesmo tempo em que o capitalismo começa a se formar e a se impor na Inglaterra e na Europa, ela perdura até os dias de hoje, já que, apesar de importantes transformações de suas modalidades, o sistema socioeconômico, contra o qual se levanta, persiste e traz conseqüências cada vez mais universais.

De acordo com a concepção da modernidade capitalista, cuja duração foi bastante extensa, intelectuais, artistas e escritores não são considerados “românticos”, longe disso. Há, de um lado, aqueles que aceitam inteiramente o *statu quo* da sociedade moderna; mas também, entre os que contestam a ordem

3. Ver, sobretudo, nossa obra *Revolta e Melancolia: o romantismo na contramão da modernidade*, Paris, Payot, 1992, assim como o número da revista *Europa* dedicado ao “Romantisme révolutionnaire” [Romantismo revolucionário].

capitalista, alguns o fazem em nome da modernidade em si, ou de valores – a razão, a ciência, o indivíduo – que se tornaram hegemônicos na modernidade. Para que se possa falar de visão ou de perspectiva romântica, é preciso que a crítica anticapitalista se faça presente, inspirando-se numa ideia do passado, em nome daquilo que representava um determinado passado, mesmo que não se queira sua reconstituição como tal.

Marx, Engels e o romantismo

De acordo com essa concepção, Marx e Engels, herdeiros críticos do Iluminismo, não eram considerados completamente românticos. Entretanto, a crítica romântica da civilização capitalista - desenvolvida por pensadores políticos, economistas, antropólogos, socialistas – não deixa de ser, em suas reflexões, uma fonte surpreendentemente importante, e muitas vezes negligenciada. Alguns textos específicos permitem que se perceba a postura dos autores em torno da perspectiva romântica, tal como a definimos.

No *Manifesto do partido comunista* (1848), Marx e Engels referem-se ao “socialisme féodal” [socialismo feudal] - provavelmente uma referência ao movimento “Jeune Angleterre” [Jovem Inglaterra] (Disraeli, Carlyle) e a alguns defensores franceses – como um movimento em que se misturam “écho du passé” [ecos do passado] e “ménace de l’avenir” [ameaças do futuro]; apesar da “completa incapacidade de compreender o andar da história moderna”⁴, esses pensadores tiveram o mérito de “atingir o coração da burguesia pela crítica amarga e espiritualmente mordaz”⁵. É possível que essa citação tenha sido inspirada por um trecho de um livro de Balzac, do qual gostava muito, *Le Cabinet des Antiques* (1838): “Os Monarquistas furaram o coração dos Liberais nos lugares mais sensíveis. (...) A fina pilhéria e a superioridade de espírito estavam do lado dos nobres”⁶. Todavia, na percepção deles, mais importante que as críticas “féodaux” [feudais] da burguesia liberal, é o discurso do “socialismo pequeno-

4. “complète incapacité à comprendre la marche de l’histoire moderne”.

5. “frapper la bourgeoisie en plein cœur par une critique amère et spirituellement mordante”.

6. “Les Royalistes piquèrent au coeur les Libéraux dans les endroits les plus sensibles. (...) La fine raillerie, les avantages de l’esprit étaient du côté des nobles”, Balzac, *O Gabinete das Antiguidades*, Paris, Gallimard, Folio classique, 1999, pp. 71-72.

-burguês”, de Sismondi – o mais eminente dos economistas, que poderia ser classificado como romântico do século XIX – destacado por sua contribuição: “ele analisa, com a maior sagacidade, as contradições inerentes nas relações de produção moderna. Desmascarou os enfeites falaciosos dos economistas”.⁷

Um dos textos mais significativos de Marx, em relação ao romantismo, é um excerto dos *Grundrisse*, os *Esboços da crítica da economia política* (1857-58): “Nos períodos que precederam a evolução, o indivíduo gozava de uma plenitude maior, pois a plenitude de suas condições materiais não estava ainda livre, manifestando-se diante dele com poder, nas relações sociais, de maneira independente. É tão ridículo aspirar pela plenitude do passado, quanto querer permanecer totalmente à parte do presente. A concepção burguesa nunca conseguiu ir além da simples oposição ao ponto de vista romântico (*Über den Gegensatz gegen jene romantische Ansicht ist die bürgerliche nie Herausgekommen*), e por consequência este a acompanhará como sua legítima antítese (*berechtigeter Gegensatz*) até o final feliz da burguesia”.⁸ O trecho acima é interessante por vários motivos: primeiramente, retoma o argumento romântico sobre a “plenitude” do passado pré-capitalista; já num segundo momento, remete-se à ilusão romântica de retorno ao passado e à apologia burguesa do presente. Finalmente, considera a crítica romântica do mundo burguês como legítima e como um contraponto negativo de si mesmo, que o acompanhará até o fim, ou seja, até o fim da existência da sociedade burguesa. Segundo os editores dos *Grundrisse*, os românticos referenciados na citação são: Adam Müller, o economista conservador, e Thomas Carlyle, sobre quem falaremos mais adiante.

7. K. Marx, F. Engels, *Manifesto do partido comunista*, Paris, Flammarion, trad. Emile Bottigelli, revisão Gerard Raulet, pp. 103-106, e para as notas dos tradutores, pp. 174-175. “Il analisa, avec la plus grande sagacité, les contradictions inhérentes aux rapports de production modernes. Il a démasqué les enjolivements fallacieux des économistes”.

8. K. Marx, *Esboços da crítica da economia política*, Paris, Anthropos, 1967, trad. Roger Dangeville, p. 99. Corrigimos a tradução francesa, imprecisa, confrontando-a com o original alemão, *Grundrisse der Kritik der Politischen Ökonomie*, Berlim, Dietz Verlag, 1953, p. 80. “Dans les périodes antérieures de l'évolution, l'individu jouit d'une plénitude plus grande justement parce que la plénitude de ses conditions matérielles n'est pas encore dégagée, en lui faisant face comme autant de puissances et de rapports sociaux indépendants de lui. Il est aussi ridicule d'aspirer à cette plénitude du passé que de vouloir en rester au total dénuement d'aujourd'hui. La conception bourgeoise n'a jamais réussi à aller au-delà d'une opposition contre le point de vue romantique (*Über den Gegensatz gegen jene romantische Ansicht ist die bürgerliche nie Herausgekommen*), et par conséquent celui-ci l'accompagnera comme sa légitime antithèse (*berechtigeter Gegensatz*) jusqu'à la fin bienheureuse de la bourgeoisie”.

Seria falso limitar o interesse positivo pelo romantismo manifestado por Marx e Engels, na juventude, quando estavam mais próximos da sensibilidade cultural (voltaremos ao assunto). Pois é justamente em seus escritos tardios que se dá enorme atenção aos trabalhos de antropólogos e historiadores de inspiração romântica, em relação às comunidades chamadas “primitivas” [primitivas]: Maurer, Niebuhr, Morgan, Bachofen. A motivação desse interesse é diretamente política, como afirma Marx numa carta a respeito do historiador alemão Georg Ludwig Maurer, endereçada a Engels, em 25 de março de 1868 – um documento muito significativo que marca certa afinidade e um distanciamento em direção ao romantismo: “A primeira reação contra a Revolução francesa e a ideologia do Iluminismo, que estavam interligadas, foi a de ver, obviamente, tudo sob o ângulo medieval e romântico, do qual até mesmo pessoas, como Grimm, não estão livres. A segunda reação - que corresponde à orientação socialista (...) consiste em olhar para além da Idade Média, para a época primitiva dos povos. E as pessoas estão tão surpresas de encontrar no mais antigo o mais moderno, e mesmo um certo grau de igualdade que faria estremecer Proudhon”.⁹ O que Marx parece não levar em consideração é que o romantismo não está necessariamente preso ao “angle moyenâgeux” [ângulo medieval]: a referência a um passado “primitivo” igualitário é também uma das possíveis formas que a crítica romântica da civilização tomou, desde Rousseau e seu *Discurso sobre a origem da desigualdade entre os Homens*, até chegar aos antropólogos citados.

O autor romântico fascinado pela Idade Média e citado por Marx na carta é Jacob Grimm, que havia publicado, em colaboração com seu irmão Wilhelm e também com Arnim e Brentano, uma célebre antologia de contos populares germânicos. Grimm era também filólogo e historiador do Direito, e é prova-

9. K. Marx, Carta a Engels, de 25 de março de 1858, in Marx, Engels, *Ausgewählte Briefe*, Berlim, Dietz Verlag, 1953, p. 231. (A tradução feita por J.Fréville, *op.cit.* p.126, está defeituosa). Marx não emprega a terminologia *Aufklärung* (Lumières) [Iluminismo], mas *Aufklärertum*, uma expressão mais pejorativa, que traduzimos por “idéologie des Lumières” [ideologia do Iluminismo] (Fréville a tinha traduzido por “progrès” [progresso]). “La première réaction contre la Révolution française et l'idéologie des Lumières qui lui était liée a été naturellement de voir tout sous l'angle moyenâgeux, romantique, et même des gens comme Grimm n'en sont pas exempts. La deuxième réaction - et elle correspond à l'orientation socialiste [...] consiste à plonger par-dessus le Moyen Age dans l'époque primitive de chaque peuple. Et les gens sont tout surpris de trouver dans le plus ancien le plus moderne, et même des égalitaires à un degré qui ferait frissonner Proudhon”.

velmente nesse contexto que Marx irá referenciá-lo uma segunda vez, na sequência da mesma carta a Engels: “Aliás, mesmo Grimm, etcetera, sabe que, na obra de César, os alemães são representados em comunidades familiares e não como indivíduos: ‘gentibus cognationibusque, qui uno coiereant’”.¹⁰ Em outras palavras: na obra do próprio Grimm, que incorpora supostas ilusões medievalistas do romantismo, encontra-se, sob o mesmo título que em Maurer, o interesse pelas formas comunitárias “primitivas” da antiga Germânia, tais como Júlio César havia descrito.

Em geral, nos textos de Marx e Engels, notam-se numerosos temas inspirados pela crítica romântica da civilização capitalista. É o caso, sobretudo, da denúncia do caráter brutalmente *quantificador* do *éthos* burguês, a dissolução de todos os valores qualitativos – culturais, sociais ou morais – pelo único valor quantitativo, mensurado pelo dinheiro. É uma problemática que foi extensamente desenvolvida nos *Manuscritos de 1844*, também presente num fragmento surpreendente de *Miséria da Filosofia* (1847): “É dado o tempo em que as coisas presentes, até agora, eram (...) dadas, mas nunca vendidas, adquiridas, mas nunca compradas – virtude, amor, opinião, ciência, consciência, etc. – tudo, enfim, passa pelo comércio. É o tempo da corrupção geral, da venalidade universal”.¹¹ Ou ainda nas célebres linhas do *Manifesto do partido comunista*, que denuncia uma sociedade invadida pelas “eaux glacées du calcul égoïste” [águas geladas do cálculo egoísta], ou a única ligação entre os seres humanos que subsiste é o “paiement comptant” [pagamento à vista], o *cash nexus*, enfim, uma sociedade cuja classe dominante, a burguesia, “dissolveu a dignidade pessoal em valor de troca”¹². O que caracteriza as críticas de românticas é a comparação – implícita ou explícita – com o passado pré-capitalista, em que a corrupção das relações sociais ainda não tinha tomado lugar.

10. “D’ailleurs même Grimm, etcetera, trouvent déjà chez César que les allemands s’installaient toujours par des communautés familiales et non comme des individus: ‘gentibus cognationibusque, qui uno coiereant’”. Marx, *Augewählte Briefe*, p. 234.

11. “C’est le temps où les choses qui jusqu’alors étaient [...] données mais jamais vendues, acquises mais jamais achetées – vertu, amour, opinion, science, conscience, etc. – où tout enfin passa dans le commerce. C’est le temps de la corruption générale, de la vénalité universelle [...]”. K.Marx, *Miséria da Filosofia*, Paris, Ed.Sociales, 1947, p. 33.

12. “(la bourgeoisie) a dissous la dignité personnelle dans la valeur d’échange”, Marx, Engels, *Manifesto do partido comunista*, p. 76.

É certo que os temas de origem romântica são retomados, frequentemente, nos escritos de Marx e Engels, tanto na juventude, quanto na época da “maturidade”, principalmente:

1. a degradação do trabalho humano pelo malefício da industrialização e da divisão do trabalho.
2. a perda, no processo de civilização, das qualidades humanas das comunidades chamadas “primitivas”, desde as sociedades gentílicas do passado até as tribos indígenas iroquesas, ou até as comunidades rurais russas, consideradas sociedades livres, igualitárias, comunitárias. Se os elementos temáticos são apenas aspectos do pensamento dos fundadores do marxismo, e não constituem uma perspectiva global, não é menos verdade que essa *dimensão* romântica seja crucial e, ao mesmo tempo, ignorada.

Marx e Engels: sobre os escritores românticos

Diferente da imagem comum que lhes é associada, para Marx e Engels, a literatura imaginativa sempre teve importância. Quando jovem, Marx escrevia textos literários – principalmente poesia – e chegou mesmo a pensar em se tornar escritor. Sabe-se que, ao longo da parceria, Marx e Engels interessavam-se tanto pela literatura clássica quanto pela moderna, eram grandes leitores, o que se nota pela influência dessa literatura em seus textos – assim como em suas correspondências – repletos de referências literárias.¹³ Além disso, longe de ser um simples “violon d’Ingrès” [violino de Ingres], o interesse de ambos pelas obras estéticas, que implica uma maneira especial de conceber a arte, está integralmente relacionado a uma visão de conjunto.¹⁴ Apesar da relevância da literatura e da arte pelos fundadores do marxismo, há relativamente poucos textos em que desenvolvem, com detalhe, suas ideias sobre os movimentos literários,

13. A extensão da cultura literária de Marx é certa, assim como sua influência em seus textos, que foram magistralmente analisados por S. S. Prawer, em *Karl Marx and World Literature*, Oxford, Oxford U P, 1976.

14. Segundo Terry Eagleton, em seu prefácio para a tradução inglesa, uma das principais contribuições do estudo de Mikhail Lifshitz, *A filosofia da arte de Karl Marx* (edição russa, 1933), é “analisar o parecer estético de Marx como um elemento interno ao seu desenvolvimento teórico geral”, e de mostrar, na obra de Marx, “o diálogo concreto e constante com a produção fantástica”: Mikhail Lifshitz, *The Philosophy of Art of Karl Marx*, trad. R. B. Winn, Londres, Pluto P, 1973, p. 7.

seus autores e obras. Na maioria dos casos, trata-se de marcas fragmentadas, frequentemente, misturadas aos comentários sobre questões políticas, históricas, etc. Ao abordar questões referentes a Marx, Engels e às obras literárias, pode-se basear, contudo, numa outra fonte de informação também enriquecedora: os testemunhos de pessoas que os conheceram no ambiente familiar. Assim como todas as lembranças pessoais – muitas vezes contadas bem depois do acontecimento dos fatos e pouco confiáveis – essa fonte deve ser utilizada com precaução. Dito isso, ao reunir diferentes textos e testemunhos, é possível identificar pontos de vista bem precisos, e mesmo estabelecer hipóteses plausíveis.

Como já dissemos, ao explorar o contato de Marx e Engels com os escritores e obras românticas, não nos limitaremos aos que foram citados e considerados como tais. Em relação aos autores “realistas” – tais como Balzac e Dickens – não se pode afirmar que tenham sido considerados românticos. Mas também não é menos verdade que seus comentários se enquadram na concepção do romantismo, do qual já tratamos anteriormente – uma concepção que não está distante daquela que Marx sugere nos *Grundrisse*. Quanto a suas ideias iniciais, referiam-se, sobretudo, à “escola romântica” da época. Como afirma Stefan Morawski, “Marx e Engels começaram, independentemente, como parceiros desse movimento, mas o rejeitaram sob a influência de Hegel (...). No contexto das vanguardas intelectuais da primeira metade dos anos 1840, eram, sem dúvida, anti-românticos. Entretanto, num sentido mais amplo, Marx e Engels foram influenciados pelo romantismo (...)”.¹⁵ Mesmo se continuaram a ser hostis com a escola e sua ideologia, tais como concebiam, e mesmo se Marx chegou a criticar abertamente os românticos franceses, Chateaubriand e Lamartine,¹⁶ ambos manifestaram admiração a um número considerável de escritores que fizeram parte do movimento romântico propriamente dito. Na sequência, abordaremos os principais autores, após tratar das leituras, gostos e produções românticas de Marx, na juventude e mais tarde, no ambiente familiar.

15. *Marx and Engels on Literature and Art*, introdução, p. 44. “Marx et Engels commencèrent tous deux, indépendamment, comme partisans de ce mouvement, mais le rejetèrent sous l’influence de Hegel [...]. Dans le contexte des courants intellectuels de la première moitié des années 1840, ils étaient sans doute antiromantiques. Cependant, dans un sens plus large Marx et Engels furent bercés par le romantisme [...]”.

16. Em relação a Lamartine, os ataques de Marx são dirigidos apenas contra seu papel político. Sobre as reflexões de Marx em relação aos dois autores citados, ver Praver, *Karl Marx and World Literature*, pp. 162-64, 165, 169, 205-06, 257, 271, 420.

Na juventude de Marx

Durante o período de seus estudos universitários (1835-1841), primeiramente em Bonn, depois em Berlim, influenciado pelo movimento romântico alemão, Marx começou a escrever obras literárias de caráter romântico, para em seguida, tornar-se, cada vez mais crítico desse movimento e de suas próprias criações do gênero. Em Bonn, em 1835, Marx participou das aulas de A. W. Schlegel, um dos fundadores do movimento alemão, e em Berlim, conheceu pessoalmente Bettina von Arnim, que era um membro importante do círculo romântico da época.¹⁷ As inúmeras poesias, o primeiro ato de um drama, e os primeiros capítulos de um romance satírico, redigidos por Marx nos primeiros anos de estudo, são marcados por características românticas. O projeto romanesco segue a via fantástica e cômica de E. T. A. Hoffmann, e os poemas revelam não apenas o imaginário típico da escola romântica alemã – harpas, barcos encantados, canto de sereias, devaneios noturnos, etc.¹⁸ – mas também temas essenciais do romantismo: a desumanização experimentada pelo poeta nos grandes centros modernos, a ausência da dimensão da realidade presente, a nostalgia de um verdadeiro lar (*Sehnsucht*). Num de seus poemas, o mundo burguês da época é comparado a um “théâtre de singe” [teatro de macacos], que esvazia as emoções e a fantasia, reduzindo a existência em si a “formules mathématiques” [fórmulas matemáticas] e ao puramente corporal.¹⁹

Em seus primeiros trabalhos, o único remédio para os males do presente é o isolamento no universo poético, sendo que é justamente essa recusa de se engajar no mundo, cujo traço define a escola romântica, que Marx rejeitará. Mais isso não significa que nega todos os elementos da visão romântica, que o atraiu outrora. A persistência nos aspectos do romantismo é, aliás, sugerida na famosa carta que Marx escreve a seu pai, em 1837, para lhe participar de seu novo ponto de vista, um compromisso com o real, já anunciado em seus poemas mais recentes: “(...) esses últimos poemas são os únicos que me fizeram vislumbrar, de forma repentina, como por um efeito de uma varinha mágica (...), o reino da verdadeira poesia, parecido com o distante palácio feérico, e

17. Ver *ibid.*, p. 9.

18. Ver Werner Blumenberg, *Portrait of Marx*, trad. D. Scott, New York, Herder and Herder, 1972 (primeira edição alemã, 1962), p. 22.

19. Lifshitz, *The Philosophy of Art of Karl Marx*, p. 16.

todas as minhas criações viraram poeira”.²⁰ Aqui, o jovem Marx descreve seu retorno ao real através de metáforas de fantasia - “baguette magique” [varinha mágica] e o “palais féérique” [palácio feérico]. Com efeito, não perderá, na sua “maturidade”, seu gosto pela fantasia – o jogo livre da imaginação –, e por escritores românticos do gênero.

Marx em família

É na intimidade do convívio familiar (constituído de inúmeros amigos, entre os quais Engels era o predileto), em que se vê melhor a continuidade de sua obra. Se Marx não continuou a escrever obras literárias, a partir dos anos 1840, de acordo com várias fontes, ao menos exercitou sua imaginação - de cunho romântico – oralmente, ao contar histórias a suas filhas. Segundo Paul Lafargue, marido de uma de suas filhas, Laura, “quando (elas) eram ainda pequenas, ele encurtava o passeio ao contar histórias de fadas que não terminavam nunca, contos que inventava ao andar, e que adaptava ao tamanho da caminhada...”²¹. Ora, Eleanor, a caçula, dá detalhes mais precisos sobre um conto em particular: “Quanto a mim, de todas as inúmeras e maravilhosas histórias que Mohr me contava, a que mais gostava era da história de Hans Röckle. Durava meses e meses; fazia parte de uma série de histórias (...) Hans Röckle era um mágico ao estilo de Hoffmann, que tinha uma loja de brinquedos e andava sempre sem dinheiro. Na sua loja, havia bonecos dos mais extraordinários: homens e mulheres de madeira, gigantes e anões, reis e rainhas, mestres e discípulos (...). Embora fosse um mágico, Hans nunca podia pagar suas dívidas (...), sendo obrigado, assim, a vender ao diabo todas seus belos pertences”.²²

A inspiração que Marx podia encontrar na obra de E. T. A. Hoffmann foi confirmada depois. Ao fim dos anos 1860, Marx enviou um exemplar de um de

20. Marx, Engels, *Sobre literatura e arte*, p. 113. “(...) ces derniers poèmes sont les seuls qui m’aient fait entrevoir soudain, comme par l’effet d’une baguette magique (...), le royaume de la vraie poésie, pareil à quelque lointain palais féérique, et toute mes créations tombèrent en poussière”.

21. “lorsqu’(elles) étaient encore petites, il leur raccourcissait la promenade, en leur racontant des contes de fées qui n’en finissaient jamais, contes qu’il inventait en marchant et qu’il allongeait selon la longueur de la route...”

22. *Ibid.*, pp. 179, 181-82.

seus contos – “Petit Zaches” (*Klein Zaches genannt Zinnober*) - não apenas a seus amigos próximos (les Kugelmann), mas também a Engels. De acordo com a pertinente observação feita por S. S. Praver, “não há, na literatura mundial, um símbolo mais próximo de alienação que (esse) conto, a respeito de um anão deformado, ao qual se atribui, por causa de um poderoso sortilégio, tudo o que é bom e louvável, de um lado, e tudo que se expressa e se materializa, de outro.”²³

Marx era um leitor que apreciava o fantástico-romântico de Hoffmann. Segundo Paul Lafargue, admirava também a poesia – baseada nas lendas e folclores de seu país - do romântico escocês Robert Burns, do qual ele escutava, com prazer, suas filhas recitarem os versos em voz alta.²⁴ A família tinha o hábito tanto de ler as obras literárias em voz alta, como o de discutir sobre elas. Ora, nessas discussões e leituras familiares, um lugar importante estava reservado aos autores românticos, os quais examinaremos agora com mais atenção, referenciados por Marx e Engels, tanto em seus escritos como em histórias pessoais.

Thomas Carlyle

Ensaísta político, correspondente de Goethe, dividido entre filosofia e literatura, Thomas Carlyle é um dos escritores românticos mais apreciados por Marx e Engels. É com base em seu ensaio sobre o Cartismo (1843), atentivamente lido e analisado por Marx, em 1845, e copiosamente citado no livro de Engels, sobre a situação da classe operária na Inglaterra (1845), que farão a crítica do “*cash nexus*”, no *Manifesto do partido comunista*. O autor desta expressão não foi mencionado em 1848, Marx, porém, fez-lhe referências ao citar um parágrafo de seu ensaio, nos *Grundrisse*. Já Engels publica, em 1844, uma resenha calorosa sobre o *Past and Present* (1843), de Carlyle, do qual cita, com aprovação, as virulentas filipinas contra o “Mamonismo”, a religião do deus do dinheiro. Chega a reconhecer que “Thomas Carlyle era um *tory*”²⁵ [conservador], mas essa opinião conservadora não anula as qualidades de seu livro: “É certo que um *whig* nunca poderia ter escrito um livro que fosse parcialmente tão humano

23. Praver, *Karl Marx and World Literature*, p. 373.

24. Marx, Engels, *Sobre literatura e arte*, p. 176

25. “Thomas Carlyle est à l’origine un tory”.

como em *Past and Present*.²⁶ Anos mais tarde, Engels volta a atacar um artigo sobre Carlyle publicado em 1850. Mesmo criticando rigorosamente a tendência reacionária do escritor, após a revolução de 1848, continua a estimar seus ensaios anteriores: “Thomas Carlyle tem mérito por se dirigir, através de seus escritos, contra a burguesia, numa época em que as concepções, gostos e ideias burguesas dominavam completamente a literatura inglesa oficial, de uma maneira tal que poderia ser considerada *revolucionária*. (...) Mas em seus trabalhos, a crítica do presente está *estritamente ligada* a uma apoteose interessantemente pouco medievalista, o que também é frequente na obra dos *revolucionários* ingleses, como Cobbett e uma parte dos cartistas”.²⁷ Esta citação é importante para estabelecer a compreensão, eminentemente dialética, do romantismo feita por Engels. Percebe-se que a crítica romântica do presente se dá “*étroitement liée*” [estritamente ligada] à nostalgia – e à idealização – do passado; ao mesmo tempo, reconhece-se que a crítica pode, por vezes, tomar uma dimensão verdadeiramente revolucionária.

Balzac

Para Jean Fréville, assim como para muitos críticos literários clássicos, Balzac não é um romântico, já que é realista. Ora, há vários autores marxistas – entre os quais J.O. Fischer, Pierre Barbéris e, em alguns textos, Georges Lukács – que compreenderam perfeitamente que o autor da *Comédia Humana* era ao mesmo tempo romântico e realista. Se o romantismo é, como afirma Marx nos *Grundrisse*, uma crítica da sociedade burguesa em nome da plenitude passada, Balzac é um belo romântico.

26. F. Engels, “Die Lage Englands”, 1844, in Marx, Engels, *Werke*, Berlim, Dietz Verlag, 1961, vol. 1, pp. 538, 542. *Tory* era o partido dos conservadores, enquanto *whig* representava os liberais burgueses. “Il est sûr qu’un whig n’aurait jamais pu écrire un livre qui fut à moitié aussi humain que *Past and Present*”.

27. F. Engels, “Thomas Carlyle”, 1850, in *ibid.*, vol. 7, p. 255, (grifo nosso). “Thomas Carlyle a le mérite de s’être dressé, par ses écrits, contre la bourgeoisie, à une époque où les conceptions, goûts et idées de celle-ci dominaient entièrement la littérature anglaise officielle, et cela d’une façon qui parfois était même *révolutionnaire*. [...] Mais dans tous ses écrits, la critique du présent est *étroitement liée* à une apothéose extraordinairement peu historique du Moyen Age, qui est aussi très fréquente chez les *révolutionnaires* anglais, par exemple Cobbett et une partie des chartistes”.

Marx tinha uma verdadeira veneração por Balzac. *O Capital* está repleto de referências sobre o romancista, assim como suas cartas com Engels. Sobre o assunto, temos um testemunho revelador de Paul Lafargue: “Seus romancistas preferidos eram Cervantes e Balzac. (...) Ele tinha uma tal admiração por Balzac que se propunha a escrever uma obra crítica sobre a *Comédia Humana*, desde que tivesse terminado sua obra econômica”.²⁸ O mesmo sentimento era compartilhado por Engels, que propõe, numa célebre carta a uma escritora inglesa, Miss Harkness, em abril de 1888, a seguinte análise: “Balzac, que estimo ser um mestre do realismo, infinitamente maior que todos os Zolas, passados, presentes e por virem, oferece-nos em sua *Comédia Humana* a história realista mais maravilhosa da sociedade francesa, ao descrever (...) a pressão cada vez maior que a burguesia ascendente exerceu sobre a nobreza, que se reconstituiu após 1815 (...). Descreve como as últimas sobras dessa sociedade, exemplar na sua opinião, pouco a pouco, sucumbiram diante da invasão do novo-rico vulgar ou foram corrompidas por este (...). Aprendi mais (com Balzac), mesmo a respeito dos detalhes econômicos (por exemplo: a redistribuição da propriedade real e dos bens pessoais após a revolução), que em todos os livros de historiadores, economistas, profissionais da estatística juntos. Sem dúvida, na política, Balzac era legitimista²⁹; sua grande obra é uma elegia perpétua que lamenta a decomposição irremediável da alta classe social; simpatiza-se com a classe condenada a morrer. Apesar disso, sua sátira nunca foi mais cortante, sua ironia mais amarga que quando se tratava dos aristocratas (...)”³⁰. Engels atribui a lucidez

28. Paul Lafargue, “Os gostos literários de Marx”, in Marx, Engels, *Sobre literatura e arte*, p.177. “Ses romanciers préférés étaient Cervantès et Balzac. [...] Il avait une telle admiration pour Balzac qu’il se proposait d’écrire un ouvrage critique sur la *Comédie Humaine*, dès qu’il aurait terminé son œuvre économique”.

29. Defensor da monarquia dos Bourbons (nota da tradutora).

30. “Balzac, que j’estime être un maître du réalisme infiniment plus grand que tous les Zolas, passés, présents et à venir, nous donne dans sa *Comédie humaine* l’histoire la plus merveilleusement réaliste de la société française, en décrivant [...] la pression de plus en plus grande que la bourgeoisie ascendante a exercé sur la noblesse qui s’était reconstitué après 1815 [...]. Il décrit comment les derniers restes de cette société, exemplaire pour lui, ont peu à peu succombé devant l’intrusion du parvenu vulgaire de la finance ou furent corrompus par lui [...]. J’ai plus appris [chez Balzac], même en ce qui concerne les détails économiques (par exemple la redistribution de la propriété réelle et personnelle après la révolution), que dans tous les livres des historiens, économistes, statisticiens professionnels de l’époque, pris ensemble. Sans doute, en politique, Balzac était légitimiste ; sa grande œuvre est une élogie perpétuelle qui déplore la décomposition irrémédiable de la haute société ; ses sympathies sont du côté de la classe condamnée à mourir. Mais malgré tout cela, sa satire n’est jamais plus tranchante, son ironie plus amère que quand il fait agir ces aristocrates [...]”.

de Balzac ao que chama de “*triomphe du réalisme*” [triumfo do realismo] sobre seus “*préjugés politiques*” [preconceitos políticos], mas podemos nos perguntar se, como em Carlyle, essa lucidez não está “*étroitement associée*” [estritamente associada] a sua nostalgia do passado. Sua ironia amarga, em relação à aristocracia da época, não foi inspirada na própria corrupção pelo dinheiro da burguesia?”³¹

Charles Dickens

Marx admirava também os escritores realistas ingleses que, como Balzac, eram, ao mesmo tempo, românticos. Num artigo sobre a burguesia inglesa, de agosto de 1854, escreveu o seguinte:

“A brilhante escola moderna dos românticos ingleses, cujas páginas expositivas e eloquentes revelaram ao mundo mais verdades que todos os políticos profissionais, jornalistas e moralistas juntos, descreveu todas as camadas da classe média, desde o proprietário ‘altamente respeitável’, detentor de valores do Estado, que trata com desdém todos os outros, até o pequeno lojista e o assistente de advogado. E de que maneira é que Dickens e Thackeray, Miss Brontë e Mistress Gaskell foram retratados? Cheios de vaidade e de afetação, de tirania, de mesquinhez e de ignorância; e o mundo civilizado confirmou tal julgamento com um epigrama de flagelos, que marcou essa classe com as palavras: ‘que era servil sob o olhar de seus superiores, e tirana sob o olhar de seus inferiores’”.³²

31. F. Engels, “Lettre à Miss Harkness”, abril de 1888, in *ibid.*, pp. 148-149.

32. K. Marx, “A classe média inglesa”, *New York Tribune*,¹ de agosto de 1954, in *ibid.*, p. 134. “La brillante école moderne des romanciers anglais, dont les pages démonstratives et éloquentes ont révélé au monde plus de vérités que tous les politiciens professionnels, publicistes et moralistes pris ensemble, a décrit toutes les couches de la classe moyenne, depuis le rentier ‘hautement respectable’, détenteur de valeurs d’Etat, qui considère avec dédain toutes les affaires, jusqu’au petit boutiquier et au clerc d’avoué. Et comment Dickens et Thackeray, Miss Brontë et Mistress Gaskell les ont-ils dépeints ? Pleins de vanité, d’affectation, de tyrannie mesquine et d’ignorance ; et le monde civilisé a confirmé leur jugement par une épigramme qui les flagelle et qu’il a attachée à cette classe en disant ‘qu’elle était servile à l’égard des ses supérieurs et tyrannique à l’égard de ses inférieurs’”.

O trecho acima citado³³, cujo argumento sobre Balzac seria retomado por Engels por um viés parecido, revela a formidável fonte de conhecimento, que representa para Marx um tipo de literatura realista, cuja crítica ao mesmo tempo social e moral, de inspiração romântica, é lúcida e impiedosa. O termo inglês, “*middle class*”, está mais próximo do sentido de “*bourgeoisie*” [burguesia] que de “*classe moyenne*” [classe média]. Sem ser legitimista como Balzac, Dickens não deixou de ser um escritor romântico, profundamente influenciado por Carlyle, de quem retoma inúmeras temáticas – sobretudo a crítica da industrialização e da quantificação do mercado – em seus romances. Neste caso, Marx refere-se a que obras de Dickens? Conhecia muito bem *Oliver Twist*, em cujo primeiro capítulo se faz apresentação de um quadro inesquecível do sofrimento das crianças pobre internadas num orfanato e vítimas da cruel “filantropia” burguesa. Marx discorre sobre o assunto, numa passagem de *O Capital*, sobre a utilização capitalista das máquinas, referenciando-se a uma frase do bandido Bill Sikes, sobre a impossibilidade de criticar o uso da faca para degolar suas vítimas sem danificar o instrumento tão precioso, e poder voltar logo em seguida à barbárie.³⁴ O mais provável, é que a frase do artigo, de 1854, diz respeito a *Tempos Difíceis* (*Hard Times*), que acabava de ser publicado em folhetim (a partir de abril de 1854), e que denunciava, com uma ironia mordaz, a “*tyrannie mesquine*” [tirania mesquinha] dos burgueses, sua alma fria e quantificadora, seu utilitarismo limitado, e as consequências nefastas da industrialização.

As irmãs Brontë

Na sequência dos romancistas ingleses, temos “Miss Brontë”. Não se sabe ao certo qual das três irmãs – Emily, Charlotte, Anne –, todas romancistas, é assim designada. Uma fonte familiar atesta que as duas primeiras, ao menos, eram conhecidas e admiradas pela família de Marx. A escritora Marian Comyn,

33. S. S. Praver afirma (*op. cit.*, p. 237) que segundo os editores das *Obras completas*, de Marx e Engels (MEW), o artigo que acabamos de citar poderia ter sido revisado pelos redatores do jornal. Mas a similaridade de formulação entre nossa citação e a precedente, de Engels, seria um indício, entre outros, que o texto final do artigo não trai a essência do pensamento de Marx (e de Engels).

34. K.Marx, *Das Kapital*, vol. 4, p. 465, citado em Marx, Engels, *Über Kunst und Literatur*, Berlim, Verlag Bruno Henschel und Sohn, 1948, p. 59.

amiga de infância de Eleanor Marx, lembra-se de ter ficado impressionada pelo número de obras de literatura inglesa presentes na biblioteca de seu pai, mas se lembra de algo particular “uma discussão num almoço sobre os autores vitorianos, e a admiração demonstrada por toda a família por Charlotte e Emily Brontë, ambas consideradas superiores a George Eliot”.³⁵

A alusão feita por Marx no artigo de jornal, em 1854, poderia ter se referido ao único – mas também maior – romance de Emily Brontë, *Wuthering Heights* (*O Morro dos Ventos Uivantes*), publicado em 1847. Essa obra, que retrata uma paixão amorosa atormentadora, associada à natureza selvagem do extremo norte da Inglaterra e ao folclore “primitivo”, representa também, de forma sutil e violenta, ao mesmo tempo, a desumanização e a reificação dos laços humanos nas relações das classes modernas.³⁶ Segundo S. S. Prawer, não há nenhuma referência explícita a Emily Brontë ou a seu romance na obra escrita de Marx.³⁷ Prawer afirma, entretanto, que há uma menção significativa feita a Charlotte, numa carta de Marx a sua filha, Jenny, em 1869, durante uma visita a Yorkshire, região onde viviam as irmãs Brontë. Há um trecho de uma descrição da paisagem: “magníficas árvores e cadeias de montanhas, emparelhadas uma sobre as outras, como num anfiteatro, cercadas por um véu azul que muito encanta Curren Bell (pseudônimo de Charlotte Brontë)”.³⁸ Apesar de não ser intitulado, sabe-se que o romance, no qual é citado o encantador “véu azul”, não é *Jane Eyre*, mas *Shirley* (1849). Ora, esse “roman industriel” [romance industrial] representa o conflito de classe, que opõe os operários fabris, desempregados com a introdução das máquinas, ao patrão – arrogante, tirano e insensível a tudo que não seja de seu interesse – da fábrica. Como em outros textos românticos do mesmo estilo, é através de uma mulher que este toma consciência (parcial) de

35. Marian Comyn, “My Recollections of Karl Marx”, *The Nineteenth Century and After*, Vol 91, janeiro de 1922. O texto pode ser encontrado no seguinte endereço eletrônico : <http://www.marxists.org/subject/women/authors/comyn/marx.htm>. Ver pp. 6-7. “une discussion au déjeuner sur des auteurs victoriens, et l’admiration exprimée par toute la famille pour Charlotte et Emily Brontë, toutes les deux placées loin au-dessus de George Eliot”.

36. Para uma excelente análise marxista do romance, ver o capítulo que lhe é dedicado em Terry Eagleton, *Myths of Power: A Marxist Study of the Brontës*, Londres, Macmillan, 1975.

37. Prawer, *Karl Marx and World Literature*, p. 396.

38. *Ibid.*, p. 377. “d’arbres magnifiques et (d’un) groupe de montagnes en amphithéâtre, les unes surmontant les autres, entourées de ce voile bleu qui enchante tellement Curren Bell (pseudonyme de Charlotte Brontë)”.

seus erros. Portanto, não é impossível que Marx pensasse especificamente em *Shirley*, quando incluiu “Miss Brontë” na sua lista da “brillante école” [brilhante escola] inglesa.³⁹

Shelley e Byron

É de um caráter assustador, de natureza tendenciosa e enganadora, a apresentação feita por J. Fréville, na seção “por uma literatura revolucionária”, sobre a visão de Marx e Engels e, mais especificamente, sobre um comentário elogioso de Engels aos dois arqui-românticos: “Shelley, o genial e profético Shelley, e Byron, com seu ardor sensual e sua amarga crítica à sociedade atual, contam a maioria de seus leitores entre os operários – os burgueses só recorrem a edições expurgadas, as *family editions* [edições familiares], modificadas ao gosto da hipócrita moral vigente (...)”.⁴⁰ Com efeito, seria difícil encaixar esta citação na seção intitulada “contre le romantisme” [contra o romantismo]!

A outra única menção de Shelley e Byron, presente na seleção de textos de Fréville, diz respeito às diferenças entre os dois poetas, o que supostamente tenha sido feito por Marx, mas foi referenciado por outros. Neste caso, trata-se de um trecho presente no ensaio “Shelley socialiste”, publicado em 1888 por Edward Aveling, com a colaboração de Eleanor Marx, sua infeliz companheira⁴¹: “Marx (...) adorava repetir: A verdadeira diferença entre Byron e Shelley reside no seguinte fato: aqueles que os compreendem e apreciam consideram uma alegria que Byron tenha morrido aos trinta e seis anos, pois se vivesse mais

39. Sobre a análise do conflito de classes em *Shirley*, ver Patricia Ingham, *The Brontës*, Oxford, Oxford UP, 2006, pp. 110-121.

40 Engels, “A situação da classe trabalhadora na Inglaterra”, *Obras*, t. IV ; citado em Marx, Engels, *Sobre literatura e arte*, pp. 159-60. “Shelley, le génial et prophétique Shelley, et Byron, avec son ardeur sensuelle et son amère satire de la société existante trouvent la plupart de leurs lecteurs parmi les ouvriers ; les bourgeois n’en possèdent que des éditions expurgées, *family editions*, qui sont accommodées au goût de la morale hypocrite du jour (...)”.

41. A história da relação dos dois é bem conhecida: durante os anos que estava casado com Eleanor Marx, Aveling mantinha múltiplas relações amorosas extra-conjugais, acabando mesmo por deixá-la para ficar com uma jovem atriz; mas, ao saber que estava com uma doença grave, volta para casa a fim de receber os cuidados de Eleanor; parcialmente recuperado, confessa-lhe que havia esposado secretamente a atriz e pensava em voltar a viver com ela. Se tais atitudes não foram a única causa do suicídio de Eleanor Marx, cometido logo em seguida, sem dúvida, contribuíram grandemente para isso.

tempo tornar-se-ia um burguês reacionário. Por outro lado, lamentam que Shelley tenha morrido aos vinte e nove anos, pois era um revolucionário consumado e teria pertencido sempre à vanguarda socialista”.⁴² Para S. S. Praver, porém, a declaração acima provém de uma fonte não confiável. Insiste que, quando Marx refere-se a Byron em seus escritos, o faz sempre “com uma aprovação irrefutável. (...) O que sabemos da sensibilidade literária e da perspicácia política de Marx não prova que era tão obtuso ao ponto de ver no autor de *Don Juan* um ‘burguês reacionário’ em potencial. Por outro lado, conhecemos e muito a ‘propensão de falsificar os fatos’ de Edward Aveling”.⁴³ Diferentemente de Fréville, que tende a querer separar os pontos ideológicos em bons e maus, Praver reconhece a capacidade de Marx de ir além de um simples julgamento, o que permite reconhecer as qualidades dos autores românticos, que não se encaixam totalmente numa perspectiva única. Parece ser mais provável, que Marx, assim como Engels, apreciava, sem distinção, a contribuição literária dos escritores.

Walter Scott

É também por fontes pessoais – mas que são consideradas, neste caso, mais confiáveis – que ficamos sabendo da estima que Marx tinha pelo romancista histórico, Walter Scott. Paul Lafargue, com quem mantinha contato diariamente, durante anos, sobre os assuntos mais variados, afirma em seu texto que Marx “era, como Darwin, grande leitor de romances. (...) Seus autores modernos preferidos eram Paul de Kock, Charles Lever, Alexandre Dumas, pai, e Walter Scott. Considerava *Old Mortality*, do último autor, uma obra-prima”. Além disso, as lembranças de Eleanor Marx, já mencionadas, comprovam a presença de Scott entre as

42. Marx, Engels, *Sobre literatura e arte*, p. 180. “Marx [...] aimait à répéter : La véritable différence entre Byron et Shelley réside en ceci : ceux qui les comprennent et les aiment considèrent comme un bonheur que Byron soit mort à trente-six ans, car il serait devenu un bourgeois réactionnaire s’il avait vécu plus longtemps ; ils regretteront, par contre, que Shelley soit mort à vingt-neuf ans, car il était entièrement révolutionnaire et aurait appartenu toujours à l’avant-garde du socialisme”.

43. Praver, *Karl Marx and World Literature*, p. 397. A frase citada é de Yvonne Kapp, que escreveu a biografia de Eleanor Marx. « avec une approbation évidente. (...) Ce que nous savons de la sensibilité littéraire et de la perspicacité politique de Marx ne suggère pas qu’il était assez obtus pour voir un ‘réactionnaire bourgeois’ potentiel dans l’auteur de *Don Juan*. Nous en savons beaucoup, par contre, sur la ‘propension à falsifier les faits’ d’Edward Aveling ».

leituras favoritas que Marx fazia a suas filhas. Ela fala de “l’exaltation pour Walter Scott”, que compartilhava com seu pai durante suas leituras, e indica, de uma maneira geral: “Devo acrescentar que Marx sempre re lia Walter Scott, ele o admirava e o conhecia tão bem quanto Balzac ou Fielding”.⁴⁴

Podemos nos perguntar o que mais atraía e fascinava Marx na obra do autor escocês, conservador *tory* apaixonado pelo passado histórico de seu país e, sobretudo, pelas comunidades primitivas dos clãs das regiões mais isoladas e selvagens. Talvez valorizasse nas ficções de Scott, como em Lukács em *O romance histórico*, a representação surpreendentemente vivaz – e inovadora para época – do próprio processo histórico. Porém, ao nos basear no que sabemos sobre o interesse manifestado por Marx, como por Engels, pelas sociedades primitivas pré-capitalistas e por seus estudos antropológicos, parece-nos plausível que uma parte de seu interesse concentra-se sobre essas sociedades e os valores que podiam incorporar. Em outras palavras, há uma atração, cujas raízes estariam ligadas à dimensão *romântica* da sensibilidade de Marx.⁴⁵

Para concluir, é certo que Marx e Engels, apesar da antipatia por alguns autores românticos, estavam longe de rejeitar totalmente a visão romântica, ao contrário, inspiravam-se e apreciavam a contribuição preciosa de escritores dessa envergadura. Quanto ao interesse que podiam sentir pelas facetas peculiares da literatura romântica – o fantástico e o onírico, o sentimento pela natureza, a valorização do passado grandioso – está presente, mas minuciosamente, através das lembranças de pessoas próximas. Em seus próprios escritos da “maturité”, Marx e Engels exaltam, sobretudo, as obras realistas, cuja crítica feroz da civilização burguesa, de inspiração romântica, parece-lhes mais rica em ensinamentos. Aprenderam com esses romances, segundo suas próprias afirmações, mais que com os historiadores, economistas, estatísticos, políticos e jornalistas contemporâneos juntos: o que não é pouco! Portanto, é preciso considerar esses escritores como uma das fontes maiores de suas obras, ou, se preferir, como materiais com os quais construíram seus próprios diagnósticos da *facies hippocratica* do mundo capitalista.

44. Marx, Engels, *Sobre literatura e arte*, pp. 177, 182-83. “Je dois ajouter que Marx relisait sans cesse Walter Scott ; il l’admirait et le connaissait presque aussi bien que Balzac ou que Fielding”.

45. Nota-se que em *O romance histórico*, Lukács define o romantismo de forma limitada, por causa de sua ótica anti-romântica, deixando de citar Walter Scott como um escritor romântico. Ver *O romance histórico*, Paris, Payot, 1965, primeiro capítulo.